



O CINEMA, A RESISTÊNCIA ARMADA E A DITADURA MILITAR NO ENSINO DE HISTÓRIA¹

THE CINEMA, THE ARMED RESISTANCE AND THE MILITARY DICTATORSHIP IN HISTORY TEACHING.

Celso Luiz Junior²
Teresa Kazuko Teruya**

RESUMO: Este artigo tem por objetivo discutir os filmes *Lamarca* (1994) de Sérgio Resende e *O que é isso companheiro?* (1997) Bruno Barreto, com intuito de aplicar a sua narrativa no ensino de história para tratar da resistência armada à ditadura militar. O cinema, de alguma forma, é inserida na educação escolar pelos professores no ensino de história. Com base na proposta de Marc Ferro, refletimos sobre as seguintes questões: por que utilizar esses filmes em sala de aula para tratar da resistência armada? De que maneira eles podem contribuir no processo de ensino e de aprendizagem? Defendemos que utilizar a narrativa fílmica no ensino e aprendizagem de história pode ser proveitoso, pois propicia a educação para a mídia, bem como favorece a memória em detrimento do presentismo, muito freqüente na sociedade atual.

Palavras-chave: Mídia na Educação, Ensino de História, Cinema, Ditadura Militar.

ABSTRACT: This article aims to discuss the films *Lamarca* (1994) of Sergio Resende and *O que é isso companheiro?* (1997) of Bruno Barreto, in order to implement its narrative to the teaching of history that deals with the armed resistance to military dictatorship. The film, in some way, is inserted into school education by teachers in the history teaching. Based on the Marc Ferro proposal, we reflect on the following issues: why use these films in the classroom to deal with the armed resistance? In what ways they can contribute in the process of teaching and learning? We believe that using the movie narrative in teaching and learning of history can be useful, because provides education for the media, and favours memory at the expense of presentism, very common in society today.

Keywords: Media in Education, Teaching History, Movie, Military Dictatorship.

INTRODUÇÃO

¹ Parte deste artigo foi inspirada na Dissertação de Mestrado de LUIZ JUNIOR (2008). Com algumas revisões, este texto foi publicado nos *Anais* do VII ENPEH - Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História: Metodologias e Novos Horizontes, realizado na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – FEUSP, entre os dias 28 e 31 de julho de 2008.

² Mestre em Educação, professor Colaborado/Assistente Dep. Educação (CECA-EDU) Universidade Estadual de Londrina-PR E-mail: celsoluizjr@uel.br.

** Doutora em Educação, professora Associada do Departamento de Teoria e Prática de Educação (DTP) e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPE) da Universidade Estadual de Maringá-PR. E-mail: tkteruya@uem.br



A cada dia a rotina de aulas se repete nas diversas escolas do Brasil, são professores e alunos desempenhando o árduo papel de processar a cultura e as demandas sociais que fazem da escola um catalizador dessa relação. Ao mesmo tempo vivemos em uma sociedade de constantes transformações em grande medida acentuada pelos meios de comunicação que influenciam as pessoas nas mais variadas dimensões como: trabalho, política, consumo, religião, cultura e assim por diante.

Nas últimas décadas houve grandes transformações econômicas, sociais e culturais com a abertura política no Brasil. A conquista de novos campos de trabalhos pelas mulheres e as questões ambientais formataram um novo tipo de aluno. Paulatinamente o ensino de história foi adequando-se às mudanças culturais na sociedade.

O professor que só transmite o conteúdo do livro didático em uma relação linear e acrítica não responde mais as expectativas das constantes mudanças sócio-culturais do momento em que vivemos. Na prática docente exigem-se novas metodologias no processo de ensino e de aprendizagem, valendo-se de alguns elementos como: o bom entendimento do contexto em que vivemos e a demanda da sala/turma à qual leciona.

Nessa complexa relação entre forma e conteúdo, os professores devem conhecer a realidade de seus alunos, o material didático disponível e a demanda da escola onde trabalha, a fim de oferecer um ensino que realmente faça sentido e transforme, guardadas devidas proporções, o espaço escolar.

Com intuito de oferecer subsídios ao ensino de história pensamos em dois fatos que chama atenção nos últimos anos e que reflete na sala de aula. O primeiro é o apreço que professores de história tem em trabalhar com filmes no ensino. Fato que não é uma novidade, pois, como chama atenção Bittencourt (2005), desde o início do século XX alguns professores como Jonathas Serrano do Colégio Pedro II do Rio de Janeiro já faz uso dessa ferramenta em suas aulas para ilustrar os conteúdos ensinados.

A partir daí o cinema se fez presente nas aulas de história, especialmente, a partir das propostas de educadores escolanovistas dos anos vinte e trinta do século XX. Canuto Mendes (SALIBA, 2003), por exemplo, tinha uma proposta para utilizar o cinema como recurso didático. Outro intelectual e signatário do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932 afeito às “novas linguagens” na educação foi o antropólogo e professor Edgar Roquette Pinto. Ele acreditava no poder das mídias de massa, especialmente o rádio, para levar o conhecimento e a cultura ao povo brasileiro.



Os professores de história utilizam-se da linguagem audiovisual no ensino, sobretudo de filmes para visualização de um determinado conteúdo proposto no currículo formal. A presença de um tipo de mídia já é freqüente nas escolas do país, como aponta alguns teóricos como: Bittencourt (2005), Fonseca (2003), Meireles (1999), esses autores de alguma maneira discutem o uso do cinema na educação escolar.

Nosso trabalho centra sua análise nos filmes brasileiros dos anos 1990 que tratam da resistência armada à ditadura militar, analisamos Lamarca (1994) e O que é isso companheiro? (1997). Acreditamos que esses filmes não seriam escolhidos pelos adolescentes que freqüentam a educação básica, no entanto, os professores, ao trabalharem com esses dois filmes, podem mobilizar a atenção dos alunos para compreender os fatos da história recente.

A sociedade em que vivemos tem um grande culto ao presente e isso favorece sempre às novidades e lançamentos, no caso do cinema não é diferente. Mas os objetos da história podem e devem utilizar fontes como os filmes que não estão entre os últimos lançamentos. Os filmes selecionados para este artigo são obras dos anos 1990 momento de solidificação das liberdades democráticas, que representam aspectos dos “anos de chumbo” da ditadura militar, como por exemplo, as organizações revolucionárias que realizavam forte resistência à ditadura. (GASPARI, 2002).

Nosso intuito é repensar a prática pedagógica e propor uma análise fílmica que contribua com a formação de um posicionamento crítico em relação aos conteúdos da mídia. Utilizar o cinema como fonte de pesquisa no ensino da história é uma possibilidade interessante, como concorda Napolitano (2005).

A nosso ver, utilização de filmes no processo de ensino e de aprendizagem tem um propósito de tornar mais vivo os personagens da história mais presentes e mais do que isso favorece ao aluno uma educação visual, com intuito de formar um aluno mais crítico diante dos objetos da mídia. Se o aluno tem uma cultura cinematográfica conseqüentemente pode lhe favorecer um posicionamento crítico em relação a mídia que o mesmo levará para além do espaço escolar.

A fim de evitar o presentismo, formar alunos com olhar e ouvidos mais apurados, propomos a utilização desses filmes com intuito de melhorar o ensino de história. Mas sabemos também que essa atividade não é simples e os esforços em grande medida devem partir do professor interessado neste tipo de prática docente.

Uma visão de Cinema, História e Educação

Celso Luiz Junior, Teresa Kazuko Teruya
revistatravessias@gmail.com



O cinema é um produto da indústria cultural, um termo genérico que se dá ao conjunto de empresas e instituições cuja principal atividade econômica é a produção de cultura, com fins lucrativos e mercantis. As produções culturais, que engloba a TV, o rádio, jornais e revistas, são sistemas de informação e comunicação elaborados com a finalidade de aumentar o consumo, modificar hábitos, educar e informar. Em alguns casos, pretendem atingir a sociedade como um todo.

A expressão "indústria cultural" foi utilizada pela primeira vez pelos teóricos da Escola de Frankfurt Theodor Adorno e Max Horkheimer no livro *Dialektik der Aufklärung* (*Dialética do Esclarecimento*, no Brasil ou *Dialética do Iluminismo*, em Portugal). Nessa obra, Adorno e Horkheimer (1985), discorrem sobre a reificação da cultura por meio de processos industriais.

Entre os objetos da indústria cultural mencionamos o cinema comercial que tem a pretensão de alcançar sucesso de bilheteria, com a mesma finalidade de outros produtos industriais, os produtos da indústria cultural recebem parte dos conceitos de elaboração, fabricação e distribuição, por exemplo: a metrificação, a divisão do trabalho, a produção em massa e a agilidade de distribuição e venda. Tal como ocorre na indústria de bens comuns, ocorre também na indústria cultural. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

O cinema enquanto movimento cultural é certamente um produto da indústria cultural, mas não é só isso. Entendemos que é também uma forma de obra de arte e de comunicação, por isso, fazer uso somente dos conceitos da indústria cultural, no nosso modo de entender, não é suficiente como categoria de análise e tampouco suficiente para estabelecer métodos de sua utilização no processo educacional. Nessa perspectiva nos apoiamos na proposta de análise de Marc Ferro (1992), para abordar o cinema como produto da indústria, mas sem desconsiderar seu caráter artístico.

Sendo assim, Ferro (1992) estabelece os conceitos do "visível e não visível" em um filme. De acordo com essa ideia, para se entender um filme é preciso relacioná-lo ao seu entorno social, cultural e político. Para criticá-lo, é preciso ter consciência da sociedade que o produziu.

O filme aqui não está sendo considerado do ponto de vista semiológico. Também não se trata de estética ou de história do cinema. Ele está sendo observado não como uma obra de arte, mas sim como um produto, uma imagem-objeto, cujas significações não são somente cinematográficas. Ele não vale somente por aquilo que testemunha, mas também pela abordagem sócio-histórica que autoriza [...] e a crítica também não se limita ao filme, ela se integra ao mundo que o rodeia e com o qual se comunica, necessariamente. (FERRO, 1992. p. 87).



Em síntese: pretendemos alinhar uma forma de trabalho com cinema na sala de aula, que parte da análise de seus produtos, no caso os filmes, mas sem descaracterizá-los enquanto obra de arte. Não pretendemos formar críticos de cinema, mas contribuir para tornar os alunos mais críticos, capazes de olhar as cenas na tela e ir além. No seu contexto, perceber que as imagens se forem analisadas de forma mais aprofundadas geram uma melhor compreensão do mundo e pode tornar interessante o assunto, para procurar novas fontes de conhecimentos proporcionando assim, uma sinergia entre cultura cinematográfica e educação.

TRABALHO DOCENTE: CINEMA E DITADURA MILITAR

Ensinar História é pôr em prática a possibilidade de reflexão da sociedade em que vivemos. Isto pressupõe conhecer, sobretudo a construção política do país. A história política ocupa tradicionalmente o espaço nos livros didáticos da disciplina de história do ensino fundamental e médio. O caminho a ser seguido, inclusive proposto pelos PCN, é o da construção da democracia (BRASIL, 1998). Não é difícil perceber a divisão aplicada à história do Brasil (Brasil Colônia, Brasil Império, Brasil República Velha, Brasil República Nova, Brasil Regime Militar). De forma geral, os manuais didáticos seguem a seqüência cronológica da história política do país.

Se o professor tiver autonomia para executar seu trabalho pode propiciar aos alunos uma maior capacidade de entendimento de alguns momentos importantes da história política do país. Hoje sabemos que o período do Regime Militar brasileiro, especialmente entre os anos 1968 a 1974, é caracterizado pela “conduta” ditatorial do Estado. Após a publicação do Ato Institucional n.º 5 em dezembro de 1968 as liberdades democráticas foram censuradas e reprimidas violentamente as manifestações políticas de movimentos estudantis e operários que se engajaram na luta armada, a fim de derrubar a Ditadura Militar que havia se instaurado no país. (ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, 1988; GASPARI, 2002).

O Regime Militar brasileiro representa esses momentos da história política do Brasil que não podem ser desconsiderados pelo ensino de história. Poucas vezes na história do país, a relação entre Estado e sociedade se configuraram de forma tão acirrada, da mesma forma a organização e resistência por parte da sociedade merece atenção, por isso este momento deve ser aprofundado no processo de ensino e de aprendizagem.



Nós professores de história, sabemos que o desenvolvimento do aluno, como sujeito social, com capacidade de análise e intervenção crítica na realidade, pressupõe a compreensão da história política do país, dos embates, projetos, problemas e dificuldades nas relações entre Estado e sociedade, na construção da democracia. (FONSECA, 2003, p. 136).

A resistência à ditadura militar se organiza no país por meio de grupos armados, formados por pessoas que abandonavam suas vidas, trabalho e família para se engajar na luta política. Estas pessoas viviam em esconderijos como acampamentos, casas ou apartamentos, os quais denominavam aparelhos, assaltavam a banco para financiar suas ações de guerrilha. Quando eram presas geralmente eram torturadas obter informações sobre suas atividades e a dos companheiros de militância. A tortura era o principal instrumento de repressão e investigação por parte das autoridades ligadas ao governo militar. (ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO, 1988; GASPARI, 2002).

Os filmes *Lamarca* e *O que é isso companheiro?* tratam de movimentos armados que enfrentaram a ditadura nos anos 1960-1970, da mesma forma que representam aspectos relevantes do período como a tortura fortemente utilizada pelo Estado para obter testemunhos dos subversivos chamados pelo governo e pela mídia da época de terroristas.

Lamarca: o “herói” da resistência armada à ditadura



No filme de Sérgio Resende o personagem *Lamarca*, é representado pelo ator Paulo Betti como o verdadeiro herói da resistência armada à ditadura, mas ao mesmo tempo o filme revela o lado intransigente de um personagem que poderia ter escapado da morte se atendesse as instruções do comando do movimento em que fazia parte.

O que nos interessa pensar é que o filme de Resende proporciona vários aspectos para a discussão como: em termos de conteúdo a articulação da resistência armada à Ditadura Militar, a censura os meios de comunicação, a tortura dentre outros. Nos aspectos de linguagem e forma,



o filme proporciona repensar o movimento de cinema dos anos 1990 como a indústria cinematográfica que “ressurge” no período, com maior liberdade de temas e críticas. Consideramos de suma importância estabelecer uma relação entre cinema e televisão no período, pois os atores e as técnicas de representação se assemelham muito as da televisão, especialmente a Rede Globo de Televisão.

Concordamos com Napolitano (2005), que o professor é essencial na mediação dessa fonte no processo de ensino e aprendizagem de história. Antes de ser conteúdo escolar, os filmes são pensados para ser arte, representação da realidade social em forma de entretenimento, enfim cinema. Depois podem ser pensados como fontes de pesquisa e instrumentos didáticos na educação escolar.

O que é isso companheiro?: distante da história mas não da sala de aula



O filme longa metragem de ficção *O que é isso companheiro?*, lançado em 1997, dirigido por Bruno Barreto, conta a história de um grupo de jovens que durante o período da ditadura militar no Brasil entra para a resistência armada. A maioria dos personagens é representante da classe média carioca, que deixam suas famílias e seus trabalhos para viver clandestinamente.

Esse filme representa a ação do Grupo Revolucionário Movimento Revolucionário 8 de outubro (MR8), cujos membros são obrigados a mudarem seus nomes. O treinamento militar desse grupo tem a finalidade de derrubar o governo. Para subsidiar o MR8, comprar armas e alugar aparelhos, casas e apartamentos que eram usados como esconderijo, seus membros fazem assaltos a banco.

Os personagens principais da trama são: Fernando / Paulo representado pelo ator Pedro Cardoso e Maria / Andréa representada por Fernanda Torres. O clímax da história acontece quando o personagem Fernando tem uma ideia que pode quebrar a censura imposta à imprensa



pelos militares e ainda libertar quinze prisioneiros do Regime Militar.

A idéia tão revolucionária quanto perigosa era seqüestrar o embaixador dos EUA no Brasil Charles Burke Elbrick. Os seqüestradores não exigiram quantia em dinheiro, mas a libertação de presos políticos e a leitura na íntegra de uma carta, na qual os guerrilheiros / seqüestradores explicavam as razões do seqüestro.

A história segue com cenas de seqüestro e do cativo. No final do filme, os militares identificam o cativo do seqüestro, contudo não interrompe o seqüestro, ao contrário, paga o resgate com intuito de preservar a vida do embaixador. Logo após a soltura do embaixador os membros do MR8 são presos e alguns deles morrem.

Este filme, embora não pretenda contar a “verdade histórica” representa, em suas cenas, aspectos relevantes da história da ditadura militar no Brasil (1964-1985). É um exemplo de como a ficção pode ser utilizada para se repensar a história. Por mais que os personagens fossem inventados e outros omitidos o caso do seqüestro do embaixador norte-americano faz parte de um fato que ocorreu nesse período.

Se por um lado, Barreto recebeu muitas críticas contundentes por parte dos parentes do ex-guerrilheiro, por outro lado, a crítica especializada elogiou o filme. O sucesso de público e a boa avaliação projetaram o cineasta para possibilidade de produzir mais um longa-metragem que foi o filme *Bossa Nova* (1999). Para Bilharinho (2000), o filme *O que é isso companheiro?* distorce demasiadamente os fatos da história do Brasil.

Quando uma obra de ficção se baseia em acontecimento real o mínimo que se espera é fidelidade aos fatos [...] Contudo, não só isso. Mas também isenção [...] Claro, obra de arte, não é obra histórica que, também requer tais atributos. (BILHARINHO, 2000, p. 147).

Assim, as cenas desse filme contribuem para o trabalho docente na sala de aula, desde que sejam investigados e questionados os conteúdos históricos, a fim de oferecer uma análise crítica que possam ser utilizadas no ensino de história do Brasil, cujo tema é a ditadura militar.

CONSIDERAÇÕES

A cultura da mídia está cada vez mais presente entre nós. A educação escolar não pode ignorar esse fenômeno, e por sua vez deve apresentar uma forma de catalisar tudo isso. O ensino de história requer de novos objetos e novas fontes para trabalho na sala de aula, afastando cada



vez mais aquele ensino baseado na memorização e repetição de fatos sem sentidos para os alunos, como eram oferecidos em outros tempos.

Há ainda muitos professores que rejeitam o uso do cinema no processo de ensino e de aprendizagem, outros ainda o fazem sem critério, sem um roteiro ou uma programação das atividades. Apontamos uma possibilidade de realizar um trabalho produtivo com cinema/vídeos na sala de aula, de tomar o cinema como categoria de análise e não somente como ilustração ao conteúdo.

Defendemos que o cinema contribui com o ensino de história, desde que analisado em uma perspectiva ampla, que analisa seus aspectos internos e externos. Isso significa olhar criticamente o contexto do cinema como meio de comunicação, como objeto da cultura, da arte e da indústria cultural, não significa dizer que o (a) professor (a) de história precisa ser crítico de cinema, apenas tenha noções e muita sensibilidade no trabalho, por que cada filme é diferente e não há uma “receita” que sirva pra todos.

Escolhemos os filmes *Lamarca* e *O que é isso companheiro?*, porque apresentam em seu conteúdo interno e externo, aspectos significativos para uma análise de um momento histórico no Brasil. Essas peculiaridades podem tornar uma aula mais produtiva, mas isso depende do caminho investigativo que o professor traçou para orientar a análise e a interpretação crítica do conteúdo da narrativa fílmica.

Lamarca e *O que é isso companheiro?* são filmes que contam histórias do período ditatorial imposto pelo regime militar, também chamado por anos de chumbo. Esse período foi fixado entre a promulgação do ato institucional nº 5 e o fim do governo Médici aproximadamente em 1974. Foi um momento difícil em nossa história, no qual as pessoas politicamente engajadas eram torturadas, a imprensa censurada e muitos brasileiros desaparecidos sumariamente.

Um aspecto relevante do conteúdo interno desses filmes é a questão da democracia. Os filmes: *Lamarca* e *O que é isso companheiro?* permitem a realização de um trabalho de reflexão sobre as liberdades de individuais e de expressão. Com certeza a ditadura não é benéfica para nenhum país, portanto cultivar essa memória é um dever do ensino de história. O intuito não é sofrer as perdas do passado, mas repensar as práticas políticas do país para ter em mente que a democracia ainda é uma instituição a ser preservada.

Outra peculiaridade entre os dois filmes é o fato de serem baseados em livros jornalísticos, ambos lançados entre 1979-1980, anos depois dos fatos por eles relatados e após a



lei de anistia dos crimes políticos. Podemos explorar também essas possibilidades de análise e discussão com intuito de aprimorar a relação de ensino e aprendizagem em história.

Essas peculiaridades podem fazer sentido se bem trabalhada a proposta de uso desses dois filmes. Optamos pela proposta de Ferro (1992) para análise desses filmes por se tratar de produtos da mídia, que tem todo um objetivo comercial e ideológico que não é propriamente um objetivo educacional.

Um filme traz muitas informações dissociadas em sua narrativa, imagens e sons. No caso desses dois filmes, constatamos que eles revelam aspectos do momento em que foram lançados. Na análise externa, constatamos a situação política e social como dimensões relevantes da década de 1990. O revigoramento da indústria do cinema, o apreço por temas ligados a ditadura militar e a nova injeção de verbas governamentais por parte das empresas estatais deram um ânimo ao cinema nacional dos anos 1990. Nesta década, a sociedade democrática, garantida pelo estado de direito, possibilita a produção e exibição desse tipo de filme sem censura.

Já nos aspectos internos, está implícito um modelo de representação dos atores com forte influência da televisão, projeta nos personagens como Fernando em *O que é isso companheiro?*, e o capitão Lamarca tornando-os verdadeiros heróis em tempos de repressão. Protagonizados por atores conhecidos do grande público, famosos por atuarem em telenovelas, especialmente, da Rede Globo de televisão.

Utilizar os filmes *Lamarca* e *O que é isso companheiro?* nas aulas de história é uma tarefa que atende à cultura escolar, contemplados nos parâmetros e nas diretrizes curriculares e mais do que isso é uma possibilidade de oferecer ao aluno um produto da mídia diferente dos que comumente eles estão acostumados.

Em suma: como fonte de pesquisa histórica no processo de ensino e de aprendizagem, o cinema contribui para formar senso crítico da cultura cinematográfica nos alunos, despertando a curiosidade e a vontade de conhecer mais sobre o assunto e de assistir a outros filmes. E mais que isso, desenvolver a capacidade de olhar essas imagens com um olhar de espectador mais crítico e consciente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor., HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento:** fragmentos filosóficos. 2 ed. Tradução Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. **Brasil:** nunca mais. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

Celso Luiz Junior, Teresa Kazuko Teruya
revistatravessias@gmail.com



BILHARINHO, Guido. **O cinema brasileiro nos anos 90**. Uberaba: Instituto Triangulino de Cultura, 2000.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais [PCN]: História**. Brasília: Mec / SEF, 1998.

FERRO, Marc. **Cinema e História**. Trad. Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GABEIRA, Fernando. **O que é isso companheiro?** 18.ed. Rio de Janeiro: Codecri, 1980.

GASPARI, Élio. **A ditadura envergonhada**. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

GASPARI, Élio. **A ditadura escancarada**. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

LUIZ JUNIOR, Celso. **O cinema como fonte de pesquisa na sala de aula: análise fílmica sobre a resistência armada à Ditadura Militar brasileira**. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, 2008.

MEIRELES, William Reis. Cinema e História: Abordagem preliminar sobre o uso do filme na sala de aula. In: SHMIDT, Maria Auxiliadora. CAINELLI, Marlene Rosa. (Orgs.). **III encontro: perspectivas do ensino de história**. Curitiba: Aos quatro ventos, 1999.

OLDACK MIRANDA, Emiliano José. **Lamarca: O Capitão da Guerrilha**. 4. ed. São Paulo: Global, 1991.